

A experiência Digitais: um portal noticioso como elemento estruturante de um curso de jornalismo

The Digitais experience: a news portal as a structuring element of a journalism course

La experiencia Digitais: un portal de noticias como elemento estructurante de un curso de periodismo

Recebido em: 27/05/2019
Aceito em: 21/08/2019

RESUMO

Este trabalho apresenta os fundamentos e o processo produtivo que caracterizam as atividades laboratoriais desenvolvidas no portal noticioso Digitais, da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. Concebido para ser o elemento estruturante em torno do qual o curso se articula, o portal leva os estudantes a vivenciarem experiências produtivas em praticamente todos os campos de produção de notícias. Para tanto, possui um conjunto próprio de editorias, tendo em vista as reais condições de produção presentes no contexto que envolve aluno, curso, tecnologia e doutrina profissional. De forma orientada, o aluno é levado a reconhecer a existência dos "enquadramentos da experiência social", decisivos na produção de relatos noticiosos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Digitais. Laboratório. Ensino de jornalismo. Portal de notícias.

ABSTRACT

This work presents the basis and the productive process in order to characterize experimental laboratory activities developed on the news portal from Journalism undergraduate course at PUC-Campinas. This portal was conceived to be a structural element for the course articulation. Therefore, it leads the students into producing news in practically all possible areas. In order to reach that objective, it has its own set of editorials to encompass production conditions faced by students context, course, technology and professional doctrine. Under supervision, the student gets the opportunity to recognize the existence of "frameworks of social experience", which are decisive in producing news reports.

KEYWORDS

Journalism. Digitais. Laboratory. Journalism teaching. News portal.

RESUMEN

Este trabajo presenta los fundamentos y el proceso productivo que caracterizan las actividades de laboratorio desarrolladas en el portal noticioso Digitais, de la Facultad de Periodismo de la PUC-Campinas. Pensado para ser el elemento estructurante en torno al cual el curso se articula, el portal permite a los estudiantes vivir experiencias productivas en prácticamente todos los campos de producción de noticias. Para ello, el portal posee un conjunto propio de editoriales, considerando las reales condiciones de producción presentes en el contexto que involucra alumno, curso, tecnología y doctrina profesional. De forma orientada, el alumno es llevado a reconocer la existencia de los "enquadramentos de la experiencia social", decisivos en la producción de relatos noticiosos.

PALABRAS CLAVE

Periodismo. Digitais. Laboratorio. Enseñanza de periodismo. Portal de noticias.



Carlos Alberto Zanotti

Doutor, professor da Faculdade de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, da PUC-Campinas.

zanotti@puc-campinas.edu.br

Cyntia B. Andretta

Doutora, professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.

cynthia.andretta@puc-campinas.edu.br

Rosemary Bars Mendez

Doutora, professora na Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.

rosemarybm@puc-campinas.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de criação de portal noticioso **digitais.net.br**, concebido para desempenhar a função de eixo estruturante do curso de jornalismo da PUC-Campinas. Embora o domínio virtual exista desde o ano de 2012, criado na disciplina Jornalismo Aplicado, o portal só ganhou as feições atuais a partir da reforma curricular decorrente das diretrizes baixadas pelo Ministério da Educação no ano de 2013. Em 2016, com o novo currículo implantado, o Digitais se transformou no espaço para o qual convergem as produções das disciplinas profissionalizantes do novo currículo, cujas ementas procuram atender a um projeto editorial orientado para as condições de produção do curso e voltadas tanto ao conjunto de seu alunado quanto ao cenário local e regional, bem como à formação de seu corpo docente.

Enquanto órgão laboratorial, o Digitais veio em substituição ao jornal-laboratório impresso Saiba+, que circulou com edições quinzenais de 8 páginas entre os anos de 2008 e 2013. A crescente utilização de plataformas digitais para produção, difusão e consumo de informações jornalísticas obrigou o curso a rever seus métodos de trabalho, incluindo a adoção cada vez mais intensa de técnicas, tecnologias e ferramentas digitais para atender a uma nova realidade que se apresentou aos estudantes e profissionais da área. A mais recente alteração, por exemplo, foi definir que a expressão “Redação Modelo” finalmente daria lugar ao logotipo e nome do portal. Foi uma atualização, por simbólica que seja, que encerrou um capítulo de história de cinco décadas, potencializando o portal a se apresentar como uma alternativa de leitura aos meios tradicionais de comunicação da cidade e da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

Muito embora não se deva levar ao pé da letra, a adoção do novo suporte para o trabalho pedagógico estimulou a inversão de uma lógica que esteve na gênese da implantação dos cursos de jornalismo no país. Para efeito de planejamento do papel das disciplinas, passamos a considerar que o aluno ingressaria em um complexo noticioso e, ao longo dos oito semestres seguintes, cursaria uma faculdade de jornalismo. A estratégia, contudo, deveria ser autovigilante no sentido de não reproduzir acriticamente as fórmulas e agendas do mercado, mas que também não desprezasse um saber profissional construído ao longo de décadas de relacionamento entre produtor e público no contexto de produção e consumo de mídia.

A adoção do meio digital se impôs a partir da óbvia constatação de que consumo e rentabilidade do jornalismo impresso vem caindo ao longo das últimas décadas (MÜLLER, 2011), a ponto de poder chegar brevemente à exaustão de um modelo de negócios que durou alguns séculos (MEYER, 2007). Ingressar em um novo suporte não implicava apenas em planejar textos mais enxutos, pensar em multimídia e dominar novas ferramentas. Era preciso oferecer o domínio de instrumentos úteis às novas demandas profissionais, bem como a atividades correlatas, como assessorias de comunicação; criação de blogs pessoais ou de portais para terceiros; exploração de novos nichos de produção e consumo midiático; ou mesmo projeção de novas mídias e/ou linguagens. Bem por isso, o curso passou a contar também com disciplinas voltadas à modelagem de negócio e gestão de mídias digitais, além de outras, da área de Humanidades, focadas em estudos sobre os impactos das redes digitais no mundo contemporâneo. Ao avaliar processo semelhante nas instituições de ensino de jornalismo no país, outros professores da área apontaram que

Mais do que testemunhar os avanços, foi necessário aos cursos universitários de Comunicação Social repensar sua metodologia de ensino, agregando atividades práticas tanto no currículo das graduações quanto ao abrir caminho para laboratórios que simulam os ambientes profissionais e a prática mais atual. (AGUIAR; GOMBERG; AUCAR, 2018, p.3)

Se comparado à produção impressa anterior, o diferencial possibilitado pelo portal veio ao encontro de uma observação que o professor José Marques de Melo, um dos mais importantes estudiosos do jornalismo brasileiro, fez em sua última palestra na PUC-Campinas. Em tom de reclamação, Melo lembrou que uma das críticas mais recorrentes aos cursos de jornalismo era seu demasiado tecnicismo, pois estariam muito focados em transmitir estratégias do mercado de trabalho. No entanto, ementou: se os professores o faziam, não o faziam com a profundidade que os fundamentos e a doutrina do jornalismo exigiriam.

Na palestra, Melo sugeriu, isto sim, que o ensino fosse menos pautado pela intuição e achismos que costumam caracterizar muitas das decisões tomadas no campo da produção editorial. Em salas de aula, o mestre queria decisões tecnicamente melhor

embasadas na racionalidade e na experiência reflexiva do exercício profissional. Bem por isso, desde sempre, o decano defendeu a existência de órgãos laboratoriais que pudessem, no espaço do aprendizado, reproduzir o menos infielmente possível as condições de trabalho que os estudantes encontrariam depois de formados. O experiente professor sabia que produzir jornalismo não era simplesmente elaborar relatos sobre temas que viessem à cabeça dos estudantes. É o que fica implícito no depoimento que concedeu, na época, em obra voltada às atividades laboratoriais:

A renovação do ensino de Jornalismo se dá pela introdução de atividades práticas que reproduzem na Universidade os modos de produção peculiares à comunicação de atualidades. E que preparam os futuros repórteres e editores para a vivência integral dos mecanismos de geração da notícia ou dos comentários, bem como a dos impactos provocados junto a uma audiência concreta. Sem dúvida alguma, essa alteração pedagógica ocorre a partir da implantação do jornal-laboratório como trabalho sistemático, continuado e veraz dentro dos cursos de jornalismo. (LOPES, 1989, p. 11).

122

No período em que circulou o testemunho de Melo, manter um jornal laboratório que reproduzisse as condições de produção e consumo do mercado editorial era praticamente impossível em função, principalmente, do custo financeiro. De um modo geral, as escolas contentavam-se em rodar edições impressas quinzenais ou mensais, ou fazer alguma parceria com emissoras de rádio e televisão, sem que as condições de produção da imprensa diária se reproduzissem no ambiente acadêmico. Como se sabe, no jornalismo impresso a notícia sempre circula no dia seguinte; e nas emissoras de rádio e TV, vão ao ar poucas horas depois de o fato ocorrer, quando não ao vivo. Com a rede de computadores – mecanismo que já atinge 70,5% da população brasileira (ABRANET, 2018) – o intervalo de tempo que separava o fato da notícia praticamente desapareceu, o que coloca novos desafios que se somarão às antigas vocações do ensino superior:

O ensino superior reserva problemáticas que extrapolam os limites da sala de aula, já que os resultados dos esforços ali empreendidos se refletem nas rela-

ções a serem estabelecidas entre os profissionais recém-formados e a sociedade em geral. Este ensino reserva para si não apenas a preparação para o mercado de trabalho, mas também auxilia na formação de cidadãos executores de tarefas complexas, empreendedores em diversas áreas e novas lideranças sociais e profissionais. Há carreiras em que essa formação é um processo delicado, estratégico e fundamental, como no caso do jornalismo. (CHRISTOFOLETTI, 2011, p. 25).

Com a nova grade curricular, agora atrelada à operação de um portal noticioso, pretendeu-se romper com uma tradição – à qual todos os cursos profissionalizantes estão sujeitos – em que “muitas vezes o modo de solucionar as demandas pedagógicas nas práticas laboratoriais fica restrito ao relato das experiências profissionais do professor-jornalista” (AGUIAR, 2007, p. 5). No Digitais, ingressar no curso implica hoje em fazer parte de um processo produtivo, no qual o acúmulo de experiências é determinante, mas não suficiente. Uma tomada de decisão deve vir sempre acompanhada de uma razão técnica, reflexiva, que incorpore contratos de leitura firmados ao longo de décadas, embasados nos fundamentos que caracterizam a atuação dos profissionais de imprensa, uma vez que

A responsabilidade social do jornalismo, seu papel essencial na democracia e a competência específica exigida para exercê-las, lidando com as novas tecnologias, aspectos enfatizados ao longo deste documento, recomendam uma formação fundamentada na ética, na competência técnica, no discernimento social e na capacidade crítica, habilidades que só podem ser adquiridas em uma sólida formação superior própria. (NOVAS DIRETRIZES, 2009, p.26).

Neste sentido, uma outra lógica teve que ser invertida nas disciplinas profissionalizantes que concorrem para a produção do portal: ao invés de se perguntar ao estudante qual reportagem ele gostaria de produzir, sugere-se que o professor proponha: “Qual matéria de atualidade seria importante relatar à sociedade para que ela melhor se autogoverne?”. Inspirada na obra de Silverstone (2002), a pergunta impõe uma reflexão obrigatória a respeito dos fundamentos e doutrinas da profissão. O passo se-

guinte é refletir sobre as relações de poder-saber, valores de notícia e critérios de noticiabilidade inerentes às teorias do jornalismo – temas trabalhados no texto em que Aguiar (2007) buscou aportes teóricos principalmente em Foucault (1996) e Wolf (2003). Em seu ensaio, Aguiar propôs uma aproximação entre as disciplinas teóricas e as profissionalizantes, aplicando conceitos oriundos da Teoria do Jornalismo.

2 O ENSINO DO JORNALISMO

Como bem se observa no texto de Aguiar, os fundamentos e doutrinas são insuficientes para explicar todas as decisões que dão a uma produção jornalística a sua formatação final. No Digitais, entende-se como de fundamental importância a linha editorial a ser seguida. Linha editorial não é compreendida apenas por direcionamento, zona geográfica de interesse, linguagem utilizada, conteúdos típicos ou nicho de público a que se destina. Além de não se restringir a uma segmentação, linha editorial também comporta reputação e implica em uma forma própria de observar as coisas do mundo. É quase que uma filosofia para se relacionar com a vida, com as instituições e com as pessoas que nos acompanham na aventura de viver o tempo presente. Como bem lembrou o ex-presidente do grupo *El País*, em entrevista à Folha de S. Paulo,

124

Os jornais nasceram no começo do século 19, com a Revolução Industrial e a democracia representativa. Formam parte do *establishment* e das instituições da democracia moderna. Se alguém leva a Folha ou o "Estado de S. Paulo" debaixo do braço, está se identificando com algo. Um jornal é uma bandeira, de certa maneira. [...]. Jornal é uma concepção do mundo. Da primeira página à última está oferecendo uma visão sobre o que acontece. Está explicando a realidade aos usuários. (CEBRIÁN, 2011)

Até por esta razão, o projeto noticioso elaborado para o curso de jornalismo da PUC-Campinas procura fazer com que o portal se comporte como um conjunto finito de informações que agreguem conhecimento objetivo aos seus usuários, na tradição proposta por Meditsch (1997). Para tanto, vê-se na contingência de educar e treinar estudantes a lidarem com os mais diferentes quadros da experiência social em suas mais diversas aplicações. Cabe lembrar que, uma vez profissionalizados, os ex-alunos

terão que se comunicar e oferecer novos conhecimentos a usuários e leitores que, em sua quase maioria, já se relacionavam com a comunicação desde antes de nossos jovens repórteres terem nascido. Assim sendo, uma primeira grande conquista decorrente do treinamento possibilitado pelo portal é antecipar a convivência com uma diversidade de situações que organizam e configuram as relações humanas.

Em sua função mediadora o jornalismo lida basicamente com um conceito que os estudiosos da área chamam de “enquadramento da experiência social”. A teoria do enquadramento, ou *Frame Theory*, se desenvolveu a partir de 1974 no campo da Sociologia para, em seguida, ser trasladada para os estudos dos meios de comunicação, campo no qual entende-se que compete aos jornalistas interpretar uma realidade para então relatá-la ao público (SÁDABA, 2001, p. 148). Conforme explica a pesquisadora Teresa Sádaba, na teoria do *frame* argumenta-se que, ao relatar o que acontece, o jornalista faz um enquadramento da realidade, embora não deixe de apontar seu próprio ponto de vista. Mesmo que não esteja explicitada, esta parcela de subjetividade pode ser observada em diversas ações, como na escolha de fontes entrevistadas, estrutura do texto, palavras colocadas no título, ângulo de fotografias ou mesmo na seleção dos argumentos recolhidos nas entrevistas utilizadas nos relatos.

É por esta razão que um portal noticioso concebido enquanto laboratório precisa levar o estudante a reconhecer o maior número possível de situações que poderiam ser descritas como enquadres da experiência social. Basicamente – mas não só – estas experiências ocorrem em ambientes institucionalizados, como câmara de vereadores, universidades, delegacias de polícia, empresas públicas e privadas, organizações sociais não governamentais, hospitais, prefeituras, sindicatos e comunidades de bairro, entre outras. É importante, por exemplo, conhecer as áreas de competência dos diferentes órgãos que atuam em segurança pública no país, bem como o fato de que estar na PM não torna o policial um militar. Da mesma forma, é igualmente importante saber as diferenças entre Previdência Social, CLT e Ministério da Saúde, bem como o nome do instrumento jurídico que se busca obter a partir de um mandado de segurança. Uma lista que relacionasse conhecimentos de todas as áreas de interesse do jornalismo seria interminável, mas a familiarização com as questões mais presentes no cotidiano da mídia já permitirá os primeiros grandes passos de autonomia do estudante. A simples

leitura de determinados manuais, por si só, não garante a apreensão sem os referenciais que a experiência vivida tem condições de oferecer.

Mas não basta transitar por instituições do tecido social. É preciso fazer contato com membros dos poderes que caracterizam os regimes de governo, os órgãos de serviço público, agentes do comércio, lideranças comunitárias, empresários, movimentos sociais, profissionais ligados ao turismo e à vida social, ao estilo de vida, à produção artística, às tribos urbanas... A dinâmica se completa quando novos quadros da experiência social são vivenciados e, a partir de relatos de quem os vivenciou, compartilhados em sala de aula. É quando surgem, na prática, questões como “de que maneira me apresentar à fonte de informação?”, “como conseguir uma entrevista que o entrevistado reluta em conceder?”, “como reconhecer que não basta entrevistar ‘um’ especialista, mas ‘o’ especialista específico”; e compreender que uma reportagem não é uma soma-tória de declarações, de achismos, de senso comum, intuições ou meros palpites.

Some-se à coleção de experiências que um laboratório pode oferecer um outro importante detalhe inerente à condição de repórter: o reconhecimento de que ele, embora seja um cidadão comum, não é um cidadão como qualquer outro. “Na realidade, ele [o jornalista] se encontra em uma situação de privilégio e de relativo poder” (URE, 2008, p. 117). A ele – por função de ofício – a sociedade delega a tarefa de apurar fatos de interesse público e frequentar ambientes muitas vezes inacessíveis ao cidadão comum, seja pelo horário de funcionamento, pela distância ou pelas restrições que alguns espaços impõem à circulação pública.

126

3 O PORTAL E A LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Entendemos que a experiência laboratorial em jornalismo não acaba depois de reconhecidos os quadros da experiência social decorrentes do trânsito por espaços de difícil circulação ao cidadão comum. O processo de aprendizagem passa também por codificar a informação apurada. Isto significará adotar nos relatos um ritmo e uma estrutura textual que são típicos e exclusivos do formato jornalístico, conforme aponta Van Dijk. Diz o linguista:

A notícia não é apenas um texto escrito, mas é também um discurso público. Em oposição às cartas pessoais ou publicações especializadas, seus leitores são grandes grupos, às vezes definidos por alianças políticas ou ideológicas semelhantes, mas geralmente não diferenciados em um nível mais pessoal. Isso pode se aplicar a qualquer tipo de discurso de comunicação de massa. Social e cognitivamente, isso significa que uma quantidade considerável de conhecimento geralmente compartilhado, crenças, normas e valores deve ser um pressuposto. Sem uma informação que possa ser tomada como garantida, a notícia não seria inteligível. (VAN DIJK, 1990, p. 112-113, com tradução dos autores)¹.

Em suas obras, o autor norueguês se ocupa com o que chama de macrofenômenos da estrutura do texto de notícia. Portanto, o autor não chega a detalhes como organização gráfica e propriedades não verbais dos enunciados, mas vai à estrutura além do nível sentencial, ignorando traços sintáticos, semânticos, estilísticos ou retóricos. No texto, o linguista tenta alcançar o que chama de “organização *global*” da notícia (VAN DIJK, 2004, p. 122, com grifo do autor), apontando que seu formato assenta-se numa “estrutura de relevância”, sobre a qual predomina um “princípio de recência” (VAN DIJK, 2004, p. 123). Em outros termos, a estratégia discursiva equivale a fazer um relato que parte do mais recente para o menos recente dos acontecimentos – a “pirâmide invertida”, no jargão dos profissionais da área (JORGE, 2008, p. 168). Vale frisar que só o jornalismo produz relatos com esta característica, conforme comprovou o autor a partir da leitura de matérias publicadas em jornais de 100 diferentes países do mundo ocidental. Em sua obra, ele arrisca-se:

127

¹ No original: “La noticia no está solamente escrita, sino que es también un discurso público. Em oposición a las cartas personales o las publicaciones especializadas, sus lectores son grupos grandes, a veces definidos por alianzas políticas o ideológicas similares, pero normalmente indiferenciados em um nível más personal. Esto puede aplicarse a cualquier tipo de discurso de comunicación de masas. Social y cognitivamente, esto significa que una considerable cantidad de conocimiento generalmente compartido, creencias, normas y valores, debe ser presupuesto. Sin una información que pueda darse por sentada, la noticia no sería inteligible”. In: VAN DIJK, Teun A. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

[...] parece plausível que as formas estruturais e os sentidos globais de um texto de notícia não são arbitrários, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, e uma condição importante para o processamento cognitivo eficaz de um texto noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro. (VAN DIJK, 2004, p. 123).

Observe-se que a preocupação do linguista não se volta, neste caso², aos atributos de caráter político ou ideológico subjacentes ao texto noticioso. Aqui, ele se ocupa da construção dos chamados esquemas mentais, também conhecidos por “enquadramentos”, conforme preferem outros autores. Em sua obra, o estudioso esclarece que também o termo “esquema” – preferido por alguns autores para referir o mesmo objeto – foi inicialmente usado para denotar a organização do conhecimento na memória. “Posteriormente, nos anos 70, a noção veio a designar aglomerados cognitivos também chamados de frames ou enquadramentos” (VAN DIJK, 2004, p. 144). Em relação aos esquemas das notícias, Van Dijk aponta que “devido à sua natureza convencional, [os enquadramentos] são conhecidos, pelo menos implicitamente, pelos seus usuários em dada cultura, isto é, por jornalistas e leitores” (VAN DIJK, 2004, p. 145). Em outras palavras, é a forma de comunicação – ou contrato de leitura – que se consolidou, ao longo do tempo, entre autor e público da comunicação jornalística.

Entendemos, portanto, que há uma expectativa específica no ato de ler jornal ou plataformas noticiosas, assistir a telejornais ou ouvir notícia em rádio ou podcasts. São atividades que, como visto, consagraram-se como verdadeiros contratos em uma sociedade altamente dependente dos meios de comunicação. É, portanto, função dos cursos de jornalismo, quando treinam futuros profissionais de imprensa, levar os estudantes ao domínio desses contratos, ao menos por três razões. Em primeiro lugar, para que consigam satisfazer a uma expectativa de leitura por parte do público. Em segundo, para comunicar um novo conhecimento no quadro da experiência social partilhada entre autor e usuário da língua. E, em terceiro, para que apresentem uma versão convincente daquilo que é relatado, o que passa pelo domínio da linguagem referencial que

² Aos interessados em aprofundar estudos sobre o trabalho do autor, no qual aborda ideologia subjacente ao texto, sugerimos VAN DIJK, Teun A. *Análise Crítica do Discurso*. In: VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 113-132.

caracteriza o aporte jornalístico. Afinal, a comunicação jornalística remete a um tipo de comunicação “que fala de algo do mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si” (LAGE, 1990, p. 39). A estratégia, entre outros cuidados, impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa, uma das marcas da objetividade que se procura impor às produções noticiosas. Em que pese o interminável debate sobre a impossibilidade de uma objetividade plena, lembremos que

[...] ser objectivo não significa que o jornalista se dispa da sua subjectividade. A evolução do conceito de objectividade é paralela à do próprio jornalismo. Ao lado da independência, da imparcialidade e do rigor, a objectividade poderá legitimamente ser associada ao trabalho criativo e responsável do jornalista, profissional adicionalmente capaz de oferecer uma perspectiva crítica da realidade sedimentada no seu conhecimento aprofundado das matérias que trata. (MARTINS, 2005, p. 153)

O excerto retirado do texto da pesquisadora portuguesa traz ao debate um outro tema especialmente caro aos formandos em jornalismo – o espírito crítico que deve nortear seus relatos. Cabe lembrar que quem faz uma crítica, a faz desde um específico ponto de vista. A crítica pela crítica, sem uma superestrutura onde fincar os pés, revela-se esquizofrênica ou apaixonada – o que não convém ao jornalismo que se pretende independente e responsável. Uma pista no sentido de onde nos apegarmos para embasar a criticidade do trabalho de imprensa pode ser obtida no próprio texto em que as novas diretrizes curriculares referem-se às questões éticas:

A Ética que interessa o à sociedade e ao Jornalismo é aquela definida e sintetizada na Declaração Universal dos Direitos Humanos. É o ideário de um mundo a construir e o compromisso politicamente assumido de construí-lo. É, também, o referencial cultural mais avançado e sábio a que o Jornalismo e os Jornalistas se devem ater, na relação crítica com a realidade próxima a transformar (NOVAS DIRETRIZES, 2009, p. 7)

Sendo assim, a política editorial adotada no portal Digitais procura se sustentar em dois compromissos basilares nas notícias e reportagens que, eventualmente, suscitam um viés crítico: a luta por uma sociedade menos desigual e o compromisso com a ampliação de nosso horizonte de liberdade. Procuramos mostrar aos estudantes que, dependendo da empresa na qual venham a trabalhar, esses valores caros ao jornalismo sempre estarão sujeitos a algum constrangimento em função de interesses corporativos. No entanto, desde que pautados por esses princípios, sempre estarão amparados pela solidariedade e respeito de seus colegas. Há que se considerar ainda que atuar na imprensa, em muitos casos, equivale a enfrentar dificuldades inevitáveis neste campo, pois vivemos em um mundo no qual os atores sociais lutam intensamente para impor seus diferentes argumentos no cenário discursivo. É o que leva Chaparro (2011) a ponderar que o jornalismo trabalha com a “linguagem dos conflitos”.

3.1 CUSTOS E O PÚBLICO PRETENDIDO

O primeiro grande desafio enfrentado na criação do portal foi referente à cobertura dos custos de produção, operação e armazenamento de conteúdos selecionados para irem ao ar. Para contornar o problema foi escolhida a plataforma WordPress, bastante popular e extremamente amigável para uso de iniciantes. Trata-se de um sistema de gestão de conteúdos (CMS, na sigla em inglês), que suporta uma enorme quantidade de dados e possibilita fácil migração para diferentes servidores. Por ser de livre uso, seu custo de operação é extremamente baixo, cabendo à instituição de ensino apenas o custeio de espaço de armazenamento junto ao servidor de sua confiança.

As ferramentas disponibilizadas pelo sistema permitem o exercício de praticamente todas as habilidades e competências demandadas de repórteres e editores aprendizes. Através delas, pode-se fazer edição de imagem, gerenciamento de comentários, edição de aparência, gerenciamento de usuários e inserção de categorias e subcategorias, que no jargão jornalístico equivalem às editorias ou produções especiais (cadernos, suplementos, *podcasts* e inserção de séries em vídeo). Embora o sistema se descreva como compatível para diferentes *devices*, na realidade é menos responsivo do que seria desejável, havendo alterações gráficas quando uma edição é vista em laptops, data-show, tablets ou smartphones. No entanto, possui características que facilitam

o intercâmbio com plataformas como Youtube e SoundCloud, para publicação de vídeos e arquivos de áudio.

Em relação ao público pretendido, a decisão foi definir que o portal não poderia ser um órgão de divulgação institucional do curso ou da universidade. Seus temas deveriam ser pautados segundo dois distintos propósitos que, a rigor, implicavam em uma única receita. Os propósitos são atender a um público abrangente e, ao mesmo tempo, permitir ao estudante colecionar o maior número possível de vivências extra-muros e, por decorrência, o reconhecimento de um número expressivo de enquadramentos da experiência social. Some-se a estes pré-requisitos o fato de Campinas não ser um centro decisório – mas sim a capital de uma região metropolitana no interior do Estado de São Paulo – os temas de interesse do portal se impuseram com a lógica da regionalização de coberturas e abordagem comunitária: o portal iria aonde nossas pernas assim o permitissem.

A lógica de um portal enquanto carro-chefe do curso deveria permitir a inclusão de estudantes com diferentes graus de conhecimento, origem geográfica, estrato social ou repertório cultural. A diversidade de temas deveria acomodar desde o registro de uma rua esburacada em um bairro do município até uma conferência da série de programas do Café Filosófico, um projeto da CPFL em parceria com a TV Cultura de São Paulo, gravado no auditório que a concessionária de energia elétrica possui em Campinas.

No espaço geográfico, físico e virtual, habitado por nosso idealizado internauta, há temas e problemas locais e regionais, como transporte, saúde, emprego, ensino, mas também há questões universalizantes, como estilo de vida, mudanças climáticas, moda, arte, tecnologia e desenvolvimento científico, que fazem parte de uma pauta ideal. Há cientistas nas universidades, artistas plásticos e de rua; há cidadãos que se destacam por ações sociais e personagens anônimos que transitam longe das agendas oficiais. Há cultura, tradição, culinária e mídia; há congressos, aulas inaugurais, manifestações públicas, protestos, palestras e concertos sinfônicos, todos sujeitos a uma cobertura que permita o domínio das técnicas de produção noticiosa.

Quando registra um evento com potencial noticioso, portanto, o portal o faz sob a ótica do interesse de um cidadão metropolitano, marcado pela cultura urbana, que

vive sob a tensão de um período de transição, de descobertas, de conflitos, de novas sensibilidades e demandas, que vão da visibilidade de determinadas causas à compreensão de suas razões. No *Digitais*, importa à pauta que ela se transforme em conhecimento útil para que a sociedade exerça o livre direito de se autogovernar. A democracia é, portanto, um valor inalienável cultivado pela publicação, cujo norte se inspira, como visto anteriormente, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, por uma sociedade cada vez mais inclusiva.

Até por estar a serviço de um curso de jornalismo, o portal se impõe também à obrigação de ser um atento observador da comunicação social em si, da mídia, da sociedade fragmentada em redes sociais, redes que também são, em sentido inverso, um fator de organização do tecido social. Afinal de contas, de quem mais seria esperado, se não do jornalismo, o papel de vigilante de um sistema que – por sua própria natureza, conforme Luhmann (2005) – seria o operador central de todo o sistema social? (MARCONDES FILHO, 2005). Bem por isso, o portal também acolhe notícias, reportagens e repercussões que provoquem reflexões a respeito do papel da mídia, do jornalismo e dos novos atores do sistema midiático.

132

3.2 ORIENTAÇÃO E EDITORIAS

Enquanto laboratório, o *Digitais* procura zelar pela observação às quatro principais propriedades do texto jornalístico: precisão, clareza, concisão e objetividade (LUSTOSA, 1996, p. 81-83). São propriedades consagradas para um relato que se deseja o mais realístico possível, característica que – segundo entendemos – é inseparável das doutrinas e fundamentos do jornalismo. Sendo autoexplicativas, seus usos são uma garantia contra deslizes, incompreensões, mal entendidos e inserções de juízo de valor incompatível com a etapa de formação de jovens pouco maduros. Até por isso, o portal se propõe a ser uma escola de vida, um espaço de amadurecimento para cuidados que precisam ser tomados no exercício da profissão.

Não é sem motivo que, ao ingressar na atividade laboratorial, o aluno é primeiramente instado a usar a internet para checar se a notícia que pretende produzir já não foi feita, uma vez que, por princípio, o jornalismo é quem alimenta a rede de computadores, não o contrário. A internet é aqui utilizada como ferramenta de pesquisa para

conhecer contextos, antecedentes, versões e atores sociais, não para oferecer títulos e lides para o que já está pronto. O segundo desafio é colocar a novidade nos padrões restritivos que norteiam a informação jornalística, como a extensão e sonoridade de títulos. São limitações próprias – e muitas vezes exclusivas – de relatos que existem apenas no universo jornalístico, típicos da profissão que se deseja abraçar.

No processo produtivo, não se ignora que há diferentes graus de adesão e compromisso do estudante em relação ao seu preparo, bem como fragilidades individuais trazidas de suas etapas anteriores de formação. Para superar estes obstáculos, a produção de matérias impõe a existência de um professor orientador, no âmbito de sua disciplina, a cada produção levada ao ar. Além do crédito aos autores dos textos e fotografias, dos entrevistadores, dos cinegrafistas e dos produtores (em se tratando de conteúdo audiovisual), toda matéria publicada comporta também o nome do editor-assistente – o aluno responsável por colocá-la no ar, assim como o nome do professor que acompanhou o trabalho.

O diversificado conjunto de funções presentes no Digitais é voltado à produção de conteúdos jornalísticos para um conjunto de editorias especialmente concebidas para nossas condições de produção. Consideramos que, desde o advento da internet, o cidadão que deseja, por exemplo, obter uma informação atual sobre economia, não vai procurá-la em um portal feito por repórteres-estudantes residentes em uma cidade do interior do estado. Não porque seja impossível produzir relatos econômicos na Região Metropolitana de Campinas, mas sim por se tratar de um tema que – quando desperta interesse de usuários – é satisfatoriamente encontrado nos grandes portais de referência. Temáticas das áreas de economia, saúde, esporte, tecnologia, cultura, política ou segurança pública, entre outras editorias do jornalismo pré-internet, são encontradas na categoria **Noticiário Geral** (FIG. 1). É este o espaço no qual são inseridas todas as informações caracterizadas como *hard-news*, seja na forma de texto, áudio ou arquivo de vídeo, mas adequadamente tratadas como notícia.



Fonte: AUTORES, A PARTIR DO PORTAL (2018).

A segunda das oito editorias primárias que compõem o portal refere-se à **Agenda**, focada em informar sobre os principais eventos da programação cultural da cidade e região. Nela, uma apresentação da Orquestra Sinfônica tem tanto interesse quanto uma festa regional, uma feira tecnológica, uma mostra de arte numa galeria da cidade ou uma palestra docente aberta à comunidade extramuros. A terceira editoria leva o nome de **Digitais Recomenda**, na qual o estudante conta com plena liberdade para registrar e sugerir um passeio, uma exposição, um programa de domingo, um prato da gastronomia regional, uma viagem, uma casa noturna, entre inúmeras outras possibilidades, dentro e fora da região metropolitana que habita. Preferencialmente, as produções para esta editoria devem ser feitas em vídeo, o que não impede a adoção de outras linguagens, como ensaio fotográfico acompanhado de uma trilha de áudio, por exemplo.

A quarta editoria leva o nome de **Giro RMC**, que acolhe reportagens em formato radiojornalístico, de amplitude regional, também levadas semanalmente ao ar em um programa com o mesmo nome na Rádio Brasil (AM 1270), emissora de propriedade da Cúria Metropolitana de Campinas. Quando entram para o portal, estas reportagens são convencionalmente editadas com título, linha-fina e lide em formato textual, exigindo-se também a inclusão de fotografias. Na quinta das editorias, **Entrevista**, a exigência é que seja feita a distância, por telefone, sem proximidade física com o entrevistado; ou gravada em estúdio de TV. Todo tema é aceitável, desde que seja pertinente à agenda de discussões sobre a qual a sociedade se debruça no momento presente. Temas locais e regionais são preferidos, mas não se descartam questões nacionais ou mesmo internacionais, quando o tema possa pertencer ao universo de interesse de um cidadão metropolitano.

Especiais, a sexta editoria, tem por finalidade acolher produções temáticas, decorrentes de trabalhos de conclusão de curso ou de disciplinas voltadas à segmentação editorial. Comporta desde uma série de videodocumentários até web-séries ou revistas e cadernos especiais em jornalismo impresso. A exemplo das demais, todas estas possibilidades contam com inserção convencional no portal, ancoradas em título noticioso, linha-fina e texto chamando para um resumo, seguindo-se o link para leitura online. Os suplementos e revistas são alocados na plataforma Issuu, uma rede social própria para a leitura de materiais impressos.

A sétima editoria são as **Dicas de leitura** (Fig. 2), na qual um professor ou especialista analisa e sugere uma obra clássica, contemporânea ou mesmo um lançamento de interesse geral. Aqui, o estudante é levado a atuar em todo o ciclo produtivo, gravando com seu próprio celular o depoimento da fonte, não se dispensando o uso de microfone de lapela, sem fio, visando obter o máximo de qualidade de áudio. Registre-se que são avanços tecnológicos de baixo custo, mas que fazem muita diferença quando se busca obter qualidade técnica das produções desenvolvidas para o portal.

135

FIG. 2 – DICAS DE LEITURA – VÍDEOS COM SMARTFONES E MICROFONE DE LAPELA



Fonte: AUTORES, A PARTIR DO PORTAL (2019).

A oitava das editorias, **Curadoria**, subdivide-se em duas: **Sobre a mídia** e **Releituras**. A primeira se ocupa em dar informações relevantes sobre atores midiáticos e/ou sugerir a leitura ou acompanhamento de notícias e reportagens publicadas na mídia profissional, cabendo à segunda produzir notícias relevantes a partir de pesquisas feitas exclusivamente no mundo virtual, adequadas ao universo geográfico da RMC. Em **Curadoria** não são exigidas fotografias próprias, mas é obrigatória a inserção dos links onde os dados originais possam ser obtidos pelos interessados.

Em termos de responsabilização e organização do fluxo de trabalho, o portal conta com oito alunos bolsistas desempenhando a função de editores-assistentes. Eles são responsáveis por fazer a ponte entre estudantes, seus professores e os dois professores-editores do portal, para os quais a grade horária se estende ao longo de todos os dias úteis da semana. Quando alguma dúvida se estabelece, a direção da faculdade se encarrega de chamar os membros do Conselho de Curso e do Núcleo Docente Estruturante (NDE) para atuarem como um conselho editorial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada não deve ser entendida como receita única para o exercício da atividade laboratorial nos cursos de jornalismo, mesmo porque o portal *Digitais* ainda se encontra em fase de implantação e, no rolar dos acontecimentos, não se descartam reorientações e atualizações. Nosso objetivo aqui foi, antes de tudo, compartilhar uma experiência e refletir sobre uma problemática inerente a todos os laboratórios de ensino, que é levar o estudante a vivenciar de forma antecipada, sob orientação docente, um conjunto de experiências que será decisivo em sua vida profissional futura.

Acreditamos que cada curso – em função de suas condições de produção e das características de seu corpo discente – tem um caminho próprio a seguir. Há também que se pensar em inovar e experimentar novas técnicas, processos e linguagens, principalmente para que incorporem maior interatividade com a audiência, etapa na qual ainda recorreremos apenas às redes sociais existentes. Entendemos que a função do portal não se limita a reproduzir modelos vigentes, mas sim capacitar os estudantes ao conhecimento e domínio de fórmulas consagradas para, a partir de então, buscar novos horizontes, sem que se abandone aquilo que o jornalismo tem de propriamente seu, fruto de contratos de leitura firmados na longa tradição de uma atividade essencial ao mundo democrático.

REFERÊNCIAS

ABRANET. Cresce para 70 o percentual de domicílios brasileiros com acesso à internet. **Associação Brasileira de Internet**. Postado em 27 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.abranet.org.br/Noticias/Cresce-para-70%25-o-porcentual-de-domicilios-brasileiros-com-acesso-a-internet-1860.html?UserActiveTemplate=site#.XMmcMjBKjZ4>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

AGUIAR, Leonel Azevedo de; GOMBERG, Felipe; AUCAR, Bruna. Ensino com prática em jornalismo: a experiência de três laboratórios da PUC-Rio. **REBEJ - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 8, n. 23, p. 3-13, dez. 2018. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/14/15>>. Acesso em: 10 mai 2019.

_____. Ensinar as práticas a partir da Teoria do Jornalismo: uma proposta pedagógica. **REBEJ - Revista brasileira de ensino de jornalismo**. Brasília, v.1, n.2, p. 3-29, ago./nov. 2007.

CEBRIÁN, Juan Luis. Entrevista de 2ª: Google e Facebook são os concorrentes dos jornais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1107201112.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2019.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2011.

137

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ensino de ética jornalística: pedagogias e metodologias de Professores. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano XVI, n. 1, jan/jun 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44862/48494>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1990.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

LUHMANN, Niklás. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. Prefácio à edição brasileira. In: LUHMANN, Niklás. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 7-12.

MARTINS, Carla. A objectividade como “dever referencial” dos jornalistas. **Caleidoscópio – Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa, n. 5/6, 2005. Disponível em: <<http://revistas.uluso-fona.pt/index.php/caleidoscopio/issue/view/188>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

MEDITISCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã: UBI, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MEYER, Phillip. **Os jornais podem desaparecer?**: Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MÜLLER, Carlos Alves. A crise estrutural dos jornais: uma exploração comparativa sobre a situação nos EUA e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 5, n. 1, 2011, p. 80-108.

NOVAS DIRETRIZES Curriculares Nacionais para o curso de jornalismo. Relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação. **Portal Mec**. Brasília, 12 fev. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SÁDABA, Teresa. Origen, aplicación y límites de la “teoría del encuadre” (framing) en comunicación. in: **Comunicación y Sociedad**, Guadalajara, vol. XIV, n. 2, 2001, p.143-175. Disponível em <http://www.unav.es/fcom/comunicacionsociedad/en/articulo.php?art_id=335>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

URE, Mariano. A função pública do jornalista: da imparcialidade à coesão social. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, Ano V, n.2, jul./dez. 2008, p. 113-128. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10661>>. Acesso em: 20 fev. 2018

VAN DIJK, Teun A. *La noticia como discurso*: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

_____. Estruturas da notícia na imprensa. In: VAN DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 122-157.

_____. Análise Crítica do Discurso. In: VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 113-132.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003